



UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS, COMUNICAÇÃO E ARTES
CURSO DE JORNALISMO

DAYVSON DE OLIVEIRA SILVA

RELATÓRIO DE TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO DO
DOCUMENTÁRIO: “QUANDO MACEIÓ DORME”

Maceió
2023

DAYVSON DE OLIVEIRA SILVA

**RELATÓRIO DE TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO DO
DOCUMENTÁRIO: “QUANDO MACEIÓ DORME”**

Relatório de Trabalho de Conclusão de Curso
submetido ao Curso de Jornalismo da
Universidade Federal de Alagoas como
requisito para obtenção do título de bacharel em
Jornalismo.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Raquel do Monte

Maceió

2023

Catálogo na fonte
Universidade Federal de Alagoas
Biblioteca Central
Divisão de Tratamento Técnico

Bibliotecária Responsável: Helena Cristina Pimentel do Vale CRB-4/661

S586r Silva, Dayvson de Oliveira.
Relatório de trabalho de conclusão de curso do documentário : “quando Maceió dorme” / Dayvson de Oliveira Silva. – 2023.
32 f. : il.

Orientador: Raquel do Monte.
Monografia (Trabalho de Conclusão de Curso - Jornalismo) – Universidade Federal de Alagoas. Instituto de Ciências Humanas, Comunicação e Artes. Curso de Jornalismo. Maceió, 2023.

Bibliografia: f. 31-32.

1. Documentário. 2. Vida Noturna. 3. Jaraguá (Maceió, AL). 4. Drag Queen. 5. Etnografia. I. Título.

CDU: 39-055.3(813.5)



UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS (UFAL)
Instituto de Ciências Humanas, Comunicação e Artes (ICHCA)
Curso de Jornalismo

ATA DE APRESENTAÇÃO DE TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO

TCC para obtenção do grau de Bacharel em Jornalismo

Aos 26 dias do mês de junho do ano de 2023, das 16h02h às 17h20 , realizou-se no Curso de Jornalismo (antigo curso de Comunicação Social), da Universidade Federal de Alagoas (Ufal), a sessão de apresentação do Trabalho de Conclusão de curso (TCC), intitulado "*Quando Maceió dorme*" do(a) graduando Dayvson de Oliveira Silva, matrícula 15211464, do Curso de Jornalismo, como parte dos requisitos para obtenção do Grau de Bacharel. A banca foi composta por Caroline Almeida (1ª examinadora) e **Janayna Ávila** (2º examinadora) e **Raquel do Monte** (orientador). Após exposição oral sintetizando o TCC, o(a) graduando(a) foi arguido(a) pelos membros da banca e em seguida respondeu aos questionamentos levantados. Ao fim da sessão, a banca se reuniu em particular o TCC foi considerado:

- (X) Aprovado, atribuindo-lhe a nota 9,0
() Reprovado
() Aprovado, condicionado a reformulação, devendo o graduando entregar uma segunda versão de seu trabalho em prazo não superior a _____ dias úteis.

Subscrevemo-nos

Documento assinado digitalmente
gov.br RAQUEL DO MONTE SILVA
Data: 26/06/2023 17:34:24-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Raquel do Monte (orientador)

Documento assinado digitalmente
gov.br ANA CAROLINE DE ALMEIDA
Data: 26/06/2023 21:28:40-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Caroline Almeida (1º examidora)

Documento assinado digitalmente
gov.br JANAYNA DA SILVA AVILA
Data: 26/06/2023 17:46:35-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

JanaynaÁvila(2ºexaminadora)

A todos os amantes da noite.

AGRADECIMENTOS

Aos meus professores. Pino, por me ajudar a quebrar o tabu das normas da ABNT. Raquel, por me fazer um eterno amante de documentários. Laís, por me fazer um melhor profissional em tantos níveis. Janayna, por fazer de mim um fotógrafo completo. Lídia, obrigado por além professora, ser uma amiga. Bispo, por lapidar o meu senso crítico. Priscila, por me fazer abrir os olhos para o mundo multimídia. Luiz, na área do telejornalismo não há ninguém melhor, obrigado por tudo. Sivaldo, depois de você, me tornei um jornalista de fato. A lista é extensa e me falha a memória, mas todos foram importantes.

À minha irmã, por abrir mão do seu vício diário pelo bem maior. À minha mãe, por me perguntar todos os dias se o TCC já havia sido entregue e ao meu pai, por ceder sua moto para as gravações e por toda compreensão ao longo desse processo.

Aos meus amigos, Maykson, Thalís e Esmerino, a jornada de anos pareceu bem mais leve com vocês do lado. Chico, me faltam palavras para agradecer. Que a Ufal tenha sido apenas o começo de uma longa parceria, dentro e fora da academia. Israel, sem você nada disso teria sido possível.

A todos os entrevistados, pela prontidão, em especial à Skarlet, minha admiração por você é imensurável. Sua história é inspiradora e ainda vou te ver realizando muitas conquistas. Você foi uma das maiores alegrias resultantes desse trabalho.

Ao presidente Luiz Inácio Lula da Silva, sem você não haveria sequer uma graduação.

Carry my soul into the night. May the stars guide my way. I glory in the sight.
As darkness takes the day. Sing a song, a song of life. Lived without regret.
Tell the ones, the ones I loved. I never will forget. I never will forget.

Nicholas Hooper

RESUMO

Neste documentário, distintos personagens compartilham sua rotina na madrugada. Essas pessoas representam as tantas outras que continuam suas atividades enquanto a grande maioria da cidade está adormecida. Primeiro, são retratadas pessoas que precisam ficar acordadas, como é o caso de Rosália, que trabalha durante a madrugada. Segundamente, são apresentadas pessoas que optam por permanecerem acordadas para se divertirem durante a noite, a exemplo de Ana. Essa movimentação noturna tem aquecido o comércio em regiões como o tradicional bairro do Jaraguá, que agora mantém não apenas boates, mas também bares abertos até ao amanhecer. O curta finaliza com a *drag queen* Skarlet Fuck'sia, simbolizando pessoas que gostam da noite, mas que são forçadas a escolherem-na, pois é somente na madrugada que elas podem ser quem realmente são. A produção foi pensada para o Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) de Jornalismo da Universidade Federal de Alagoas.

Palavras-chave: Documentário; Vida Noturna; Madrugada; Maceió; Jaraguá; *Drag Queen*.

ABSTRACT

In this documentary, different characters share their routine at dawn. These people represent so many others who continue their activities while the vast majority of the city is asleep. People who need to stay awake are portrayed first, as is the case of Rosália, who works during the night. Secondly, people who choose to stay awake to have fun at night, like Ana. This nocturnal movement has boosted economy in regions such as the traditional neighborhood of Jaraguá, which now keeps not only nightclubs, but also bars open until dawn. The short documentary ends with the drag queen Skarlet Fuck'sia, symbolizing people who like the night, but also are forced to choose it, because it is only at dawn that they can be who they really are. The production was designed for the Journalism Course Conclusion at the Federal University of Alagoas.

Keywords: Documentary; Night Life; Dawn; Maceio; Jaragua; Drag Queen.

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	10
2	JUSTIFICATIVA	11
3	OBJETIVOS	13
3.1	Objetivo geral	13
3.2	Objetivos específicos	13
4	FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA	14
4.1	Documentário e metamorfose	14
4.2	Encenação e seu impacto no “real”	15
4.3	As escolhas no processo de montagem	16
5	PROCEDIMENTOS TÉCNICOS METODOLÓGICOS	18
5.1	Ideia e Desenvolvimento do Tema	18
5.2	Pré-produção e Roteiro	19
5.3	Captação	21
5.4	Pós-produção	25
5.5	Sequências	26
5.6	Cronograma de Produção	28
5.7	Ficha técnica	28
6	CONSIDERAÇÕES FINAIS	29
7	REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	30
8	REFERÊNCIAS FILMOGRÁFICAS	31

1. INTRODUÇÃO

O documentário se passa na cidade de Maceió, capital alagoana, situada na região nordeste do país. Mesmo com pouco mais de 1 milhão de habitantes, suas praias atraem milhares de 2 milhões de turistas por ano. No entanto, Maceió é uma cidade que dorme cedo. Após às 00h, as opções de alimentação e lazer são consideravelmente limitadas. O transporte público, que já tem suas falhas no período diurno, é ainda mais limitado durante a madrugada.

Outro ponto importante é a falta de segurança. Apesar de registrar redução no índice de criminalidade, Maceió ainda é considerada pela ONG mexicana como a 36ª cidade mais violenta do mundo. Também é importante falar sobre a violência LGBT, que registra índices preocupantes no Nordeste. Esses fatores são diretamente responsáveis pela inviabilização de avanços na oferta de atividades noturnas na região.

Ainda com essas barreiras, a maior afinidade com a noite é uma realidade de um número expressivo de pessoas. Não se trata apenas da simples preferência por um horário do dia. Há explicação científica por trás dessa motivação. Um estudo publicado em 2019 na revista *Nature Communications* e que analisou dados de aproximadamente 700 mil pessoas, mostrou que a inclinação para um determinado turno do dia estaria ligada a fatores genéticos.

As necessidades das pessoas noturnas geram demanda e o mercado responde. Apesar de não se equiparar ao nível de grandes metrópoles, Maceió vem se adequando cada vez mais a esse público. A quantidade de restaurantes abertos na madrugada, mesmo que apenas via delivery, tem aumentado gradativamente. Alguns bares também estão estendendo o horário de funcionamento em dias semanais e chegando até 4 da manhã nos fins de semana.

O número de casas noturnas também tem crescido, especialmente no Jaraguá, onde cada vez mais prédios abandonados são recuperados e transformados em novas alternativas para curtir a noite na capital. A escadaria da Associação Comercial virou ponto de encontro para os jovens no fim de semana. Toda essa movimentação recente vem impulsionando a economia local. O problema é que a cidade ainda não se adaptou completamente a esta nova rotina.

2. JUSTIFICATIVA

Em outro estudo publicado em 2020, Cruz e Tenório falam sobre o uso noturno dos espaços públicos e a necessidade de desconstrução da visão deturpada da noite através de iluminação, oferta de atividades, mobilidade e segurança. Para as autoras, a noite não pode ser rotulada como um período voltado simplesmente ao lazer.

Com a concretização de uma sociedade que não para, as atividades atravessam o dia e, progressivamente, se naturalizam ao ambiente noturno. Na cidade contemporânea, a noite já não pode ser rotulada com o único propósito de lazer e diversão; os usos estão sendo incorporados entre os sete dias da semana e se expandem entre práticas econômicas, culturais, educacionais, institucionais e recreativas. (CRUZ e TENORIO, 2020)

É observando esse crescente movimento noturno, que o documentário surge, buscando trazer um panorama introdutório da noite de Maceió. O cenário noturno atual está em constante evolução e dentro de alguns anos, as diferenças podem ser enormes. Mesmo que parcialmente, o registro da noite maceioense na atualidade é de extrema importância. Especialmente tendo em vista o escasso número de produções regionais abordando a temática.

O documentário “Quando Maceió Dorme” é uma fusão de projetos distintos, que inicialmente seriam produções individuais. O curta possui 3 divisões e em alguns momentos, pode ser passada ao espectador a sensação de que estas partes, ao lado de seus personagens, sejam desconectas. No entanto, todas estão interligadas pelo tema central, que é a noite maceioense.

A primeira parte aborda a rotina de pessoas que trabalham durante a madrugada. No segundo momento, a produção foca na reapropriação do bairro do Jaraguá, que vem garantindo noites agitadas até mesmo em dias semanais. A divisão final e mais aprofundada, traz o dilema de pessoas que apesar de gostarem da madrugada, não são aceitas na sociedade durante o dia.

A temática dos trabalhadores noturnos é a menos explorada devido à dificuldade de acesso aos personagens, já que os potenciais entrevistados se mostraram contrários à ideia de compartilhar seus relatos. Há também a problemática da exposição a riscos, já que nas gravações relacionadas a este tema, os locais eram vazios e sem qualquer proteção. Esse foi um fator decisivo na limitação de personagens, lugares e duração.

Houve também uma contenção proposital à fim de evitar problemas de roteiro, redundância e um material demasiadamente extenso. Apesar de ser uma capital ligeiramente pequena, Maceió possui diversos bairros e muitos deles possuem atividades noturnas, cada um com suas características particulares. Um exemplo não explorado é o Tabuleiro, que também mantém bares abertos durante a madrugada. No entanto, se mostrou mais viável destacar os bairros que concentram um maior número dessas atividades.

A escolha de um projeto experimental ao invés de uma monografia se dá não apenas pela afinidade do autor com o gênero documentário, mas por ser a melhor maneira encontrada de dividir o retrato do cenário noturno com o público. As imagens em movimento, sons e os relatos diretos dos entrevistados, conseguem transmitir de maneira quase que crua, a realidade das pessoas que permanecem acordadas quando a cidade dorme. O formato também permite atingir os mais diversos públicos, em especial os que não teriam acesso ao acervo acadêmico.

A ideia é fazer de “Quando Maceió Dorme” um piloto e em breve expandir, com o apoio de outros profissionais, a cena noturna da capital em um longa. Com um maior tempo de tela, será possível explorar mais bairros individualmente e entender melhor as motivações por trás dos hábitos noturnos. Uma das propostas nesta continuação, seria também registrar a rotina de moradores de rua, personagens esses que, assim como trabalhadores noturnos, também se mostraram contrários à ideia de compartilharem suas histórias com uma câmera. O curta não é lauto, mas cumpre seu papel ao apresentar a essência da noite maceioense e abrir caminho para uma jornada mais profunda a ser posteriormente observada.

3. OBJETIVOS

3.1 Objetivo geral

Apresentar um panorama do cenário noturno maceioense, com foco nos bairros que concentram maior número de atividades durante esse horário e evidenciando as motivações por trás da rotina de pessoas noturnas. Trazer principalmente personagens que praticam o lazer durante a madrugada, retratando a sensação de liberdade proporcionada pela noite, mas introduzindo também uma representação dos trabalhadores noturnos.

3.2 Objetivos específicos

- Registrar, por meio de documentário, a cultura noturna de Maceió na atualidade.
- Criar uma produção que sirva de referência comparativa na análise evolutiva das atividades noturnas da cidade.
- Colocar em pauta o preconceito sofrido por artistas LGBT, com foco nas *drag queens*, que não possuem espaço na sociedade durante o dia.
- Estimular a produção de conteúdo audiovisual sobre a região.
- Transmitir as dificuldades enfrentadas por trabalhadores do período noturno.
- Incentivar o interesse na frequência do Jaraguá durante a noite.

4. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

4.1 Documentário e metamorfose

A fase inicial de produção do documentário pode ser comparada ao processo de criação de textos jornalísticos. É preciso organizar as ideias, levantando questionamentos, provocando reflexões, amadurecendo as concepções elementares e então, a partir desses direcionamentos, transformar o conceito teórico em filme. Essa construção da qual Lucena fala, tem como objetivo evitar um produto final confuso e inconsistente.

Ter uma ideia, no entanto, não significa ter um filme - todos temos grandes ideias e a toda hora. Antes é preciso saber se é possível concretizá-la e como fazer isso. Nesse momento, deve-se recorrer às questões básicas que estudantes de jornalismo aprendem na faculdade para que possam criar suas reportagens e textos: O que eu quero mostrar? Como eu quero mostrar isso? Por que eu quero mostrar isso? Quem é meu personagem? (LUCENA, 2012)

Antes de tudo, também se faz necessário entender o que é documentário. Não há forma melhor de começar a pensar essa questão senão por meio da bíblia do documentarista: *Introdução ao Documentário*. Se um gênero fictício, tomando como exemplo o terror, já possui tantas variações (psicológico, *trash*, sobrenatural, *found footage* e etc.), é de se imaginar a vastidão de possibilidades oferecidas no campo do documentário, que conforme Nichols destaca, não teria um padrão exato a ser seguido.

Documentário é o que poderíamos chamar de “conceito vago”. Nem todos os filmes classificados como documentário se parecem, assim como muitos tipos diferentes de meios de transporte são todos considerados “veículos”. Os documentários não adotam um conjunto fixo de técnicas, não tratam de apenas um conjunto de questões, não apresentam apenas um conjunto de formas ou estilos. Nem todos os documentários exibem um conjunto único de características comuns. A prática do documentário é uma arena onde as coisas mudam. (NICHOLS, 2005, p. 48)

As mudanças no cinema que registra o real são constantes, ou melhor, no cinema que representa o real. Ainda de acordo com Nichols, o documentário “*não é uma reprodução da realidade, é uma representação do mundo em que vivemos*”. Não se trata de uma simples gravação, há uma direção, um efeito pretendido e todos esses aspectos são percebidos e arbitrados pelo público. A intenção do documentarista influencia diretamente no resultado final do produto e em seu efeito no mundo.

Mas retomando a matéria da mudança, ao longo de seu desenvolvimento, o filme documentário é suscetível a inúmeras alterações. Mesmo que haja um roteiro estabelecido, somente quando se executa o planejamento, é que conseguimos confirmar a viabilidade da ideia. Não foi diferente com “Quando Maceió Dorme”. Ao menos duas pautas foram descartadas por completo após testes práticos. No documentário, o grau de importância de temáticas, personagens, a ordem, a duração, nada é definitivo. Conforme novos materiais são levantados, a estrutura inteira do filme corre o risco de sofrer modificações.

4.2 Encenação e seu impacto no “real”

Ao longo das gravações foi possível observar que alguns personagens aparentavam possuir uma interação bem mais marcante com a câmera. Quero destacar, em particular, a entrevista de Phil Mendes, pessoa de gênero não-binário, na segunda parte do documentário. Ao convidar pessoalmente este personagem, diferente de todos os outros entrevistados, notei que não houve qualquer ponderação de sua parte em aceitar a participação. Não bastasse a resposta positiva de pronto, o entrevistado iria aceitar qualquer proposição.

Mesmo não sendo o personagem principal, o conteúdo de Phil foi o que mais precisou ser comprimido. Ao compartilhar seu depoimento, o entrevistado olhava diretamente para a câmera sem qualquer orientação prévia e não apenas respondia os questionamentos, mas sugeria diversos temas a serem abordados na entrevista. Devo revelar que toda essa predisposição e a forma de se dirigir à câmera me pareceram encenadas. A princípio achei que isso seria um problema já que, em minha visão, a ideia de um documentário seria passar a verdade nua e crua.

A resposta para minha indagação, no entanto, veio de imediato ao recordar um dos conteúdos teóricos estudados antes do início da prática. Em *A ‘mise-em-scene’ do documentário*, Fernão Pessoa fala sobre a encenação no cinema. Quando se trata de documentário, diferente do cinema de ficção, os adereços exuberantes (tais como cenário, figurino e estúdio) não são prioridade. No cinema que registra o real, o foco é no sujeito em cena. Ainda assim, o autor fala de dois tipos de encenação no campo do documentário: construída e direta.

Por *encenação-construída* entendemos ser uma ação planejada. Nesse caso, a forma do sujeito se portar ao espectador costuma ser adornada e previamente calculada. De outro lado, na *encenação-direta*, o indivíduo em cena se porta de maneira muito semelhante ao seu comportamento no cotidiano. Não há sensacionalismo ou roteiro a ser seguido, o sujeito apenas

se permite ser. É ao dissertar sobre essa questão que Ramos traz um ponto extremamente válido. Em nossa vivência, estamos em constante encenação:

Se enceno o professor quando dou aula, se enceno o pai quando estou com meu filho, se enceno o chefe quando distribuo tarefas, o conceito de encenação amplia seu horizonte e confunde-se com estar no mundo. A questão que se coloca é: se todos encenam o tempo todo, por que, naturalmente, também nós não encenaremos para a câmera? Este é o ponto com o qual se depara o documentário estilo direto/verdade, caracterizado como moderno, trazendo o tipo de encenação que chamei de direta. (RAMOS, 2011)

Com a noção desse conceito recuperada, pude ser mais brando com o resultado entregue por Phil. Todos nós encenamos e em alguns momentos mais que outros, especialmente com a presença de uma câmera. No entanto, essa inclinação teatral não deixa de ser próxima da versão real do sujeito, já que não há nenhum fio condutor guiando sua forma de agir. O personagem tem liberdade para se apresentar da maneira que melhor lhe convém.

A construção da cena não afeta necessariamente a legitimidade. Em *Entre o Palco e a Rua*, documentário que também dirigi, pedimos que uma profissional do sexo simulasse um atendimento, tendo em vista a privacidade que o serviço exige. Algo sem muito glamour, que pareceu natural e funcionou para o que precisávamos. Em *Quando Maceió Dorme*, também foi solicitado que a entrevistada Rosália andasse por uma rua pouco movimentada, ignorando a câmera, para servir de imagem de apoio. As cenas com a personagem Skarlet são em boa parte construídas e mesmo assim, não deixam de transmitir o que entendemos por real.

4.3 As escolhas no processo de montagem

É importante pontuar também a responsabilidade por trás das escolhas que levam à versão final do documentário. Quanto mais extenso o material, mais decisões difíceis precisarão ser tomadas. *Quando Maceió Dorme* foi um projeto consideravelmente planejado, o que poupou o descarte de mídias em grandes quantidades. Ainda assim, a compactação foi necessária. Salles fala dos sacrifícios em prol da lógica estrutural do documentário e contrapõe com a motivação guiada por princípios éticos.

Depois de algumas semanas na ilha de edição, o diretor se torna refém do filme. A compreensão do tema impõe suas prioridades e a estrutura conduz a narrativa por caminhos determinados, nos quais certos desvios se revelam impraticáveis. É com pena que o documentarista abandona todos esses outros filmes hipotéticos. São possibilidades não realizadas, derrotadas pela lógica do filme e por exigências da

estrutura. O paradoxo é este: potencialmente, os personagens são muitos, mas a pessoa filmada, não obstante suas contradições, é uma só. Aqui - precisamente aqui - reside para mim a verdadeira questão do documentário. Sua natureza não é estética, nem epistemológica. É ética. (SALLES, 2005, p. 68)

Em respeito à estrutura do documentário como um todo, foram descartadas diversas cenas que poderiam distanciar o projeto de seu propósito. No depoimento de Phil, o personagem menciona a ausência de pessoas LGBT em espaços como o Jaraguá, mas para não prejudicar a narrativa, essa fala é excluída. No entanto, na parte final do documentário, pessoas LGBT são colocadas em evidência e reclamam seu lugar. A divisão também sofreria reduções, mas considerando princípios éticos, são feitos apenas cortes indispensáveis.

No fim, apesar de todo o embasamento teórico e das demais referências, por não dispor de um modelo específico a ser tomado como regra, é o diretor quem irá decidir o rumo de sua criação. É natural que em alguns casos o processo de edição seja mais demorado do que o tempo gasto ao longo das gravações, pois durante a montagem, o peso das decisões pode ser de igual importância ou ainda maior.

O documentário é nada mais que a realidade através dos olhos do documentarista. É uma dança com o material, guiada pela intimidade do autor com a história, o que permite uma montagem assertiva. Porém, se não há o acompanhamento da obra em todas as suas fases, a plausibilidade das escolhas pode ser comprometida, afastando a garantia de um produto completo e equilibrado.

5. PROCEDIMENTOS TÉCNICOS METODOLÓGICOS

Neste segmento, iremos abordar em detalhes cada estágio do projeto. Desde sua concepção, a definição de locações e personagens, a condução das entrevistas, as técnicas de filmagens, o processo de montagem e os meios que viabilizaram a execução.

5.1 Ideia e Desenvolvimento do Tema

Antes de chegar a esse tema e formato para a tese de conclusão de curso, explorei outros dois temas, ambos totalmente distintos. Originalmente, a ideia era criar uma reportagem multimídia sobre o movimento de rappers no transporte coletivo, mas a pandemia não permitiu que a iniciativa fosse além do pré-projeto. Mantive o formato, mas agora com um tema extremamente oposto: imprudência no trânsito. Dessa vez, foram finalizadas pelo menos 3 grandes matérias, investidas horas de filmagens, mas o novo projeto não foi concluído.

O motivo é que, além da burocracia na colaboração das fontes oficiais e por parte dos demais personagens devido à sensibilidade do tema, o assunto não despertava meu interesse. É claro que em uma redação, quando algo nos é direcionado, é preciso executar sem questionamentos. Mas, nesse caso, eu era o próprio chefe e tinha a liberdade de definir o grau de importância das pautas. Assim, apesar do desenvolvimento avançado, essa alternativa também foi descartada.

Resolvi arriscar a produção de um documentário. Esse é o formato que mais tenho afinidade. Além da grande admiração pelo gênero, tive o imenso prazer de coproduzir um documentário premiado ao longo da graduação. Também participei do processo criativo e editei um curta que serviu como projeto experimental para um colega de curso. Havia escolhido a web reportagem pois acreditava ser o formato que me permitiria provar o máximo aprendido, já que trabalharia áudio, texto, imagem, vídeo, gráfico e uma série de elementos.

Apesar de achar mais confortável lidar com documentário, pude ver na prática que o formato explora diversas habilidades jornalísticas. Trabalhei a pesquisa, pauta, captura de áudio e imagens, edição e montagem, roteiro, argumentação, abordagem de personagens, entrevista e uma série de competências. Sempre tive o desejo de criar um documentário como TCC, mas a ausência de equipamentos se mostrou um desafio.

5.2 Pré-Produção e Roteiro

Entre os dias 02 e 04 de janeiro foram visitados os bairros de Jaraguá e Ponta Verde para analisar os locais onde se dariam as filmagens. Nesses dias foi utilizado o transporte público da madrugada para também identificar possíveis personagens para a primeira parte e vivenciar as dificuldades enfrentadas pelos trabalhadores noturnos. Como os fins eram de observação, não portava comigo nenhum tipo de equipamento.

Imagem 1 - Registro capturado durante uma visita para estudo do local



Fonte: Autor (2023).

Nos dois primeiros dias, a visita foi focada no bairro de Ponta Verde. Aqui, foi sugerida a entrevista com uma moradora de rua, que inicialmente teria uma parte do documentário dedicada somente à sua história. Mesmo com a conversa informal, ela afirmou não se sentir confortável em dividir sua rotina e conforme solicitado, sua privacidade foi respeitada. Optei por não seguir com o levantamento de personagens em condições semelhantes.

No segundo dia, identifiquei dois trabalhadores que ouviam reggae em uma caixinha de som enquanto esperavam o ônibus. Apresentei o projeto e convidei para entrevista no dia seguinte, mas ambos rejeitaram a participação. Também observei a personagem Rosália, mas optei por fazer o contato apenas no dia seguinte, com os equipamentos em mãos. Aproveitei para selecionar os melhores pontos de filmagem, considerando enquadramento e iluminação.

De ônibus, mesmo sem descer nos locais, descartei as gravações em bairros como o Centro. Apesar de funcionarem muito bem para o documentário, visando minha segurança e a

de meu parceiro de gravações, não seria sensato seguir com as tomadas nesses lugares. Em datas distintas, também foram feitas visitas no Posto 7 no bairro de Jatiúca, onde adolescentes do movimento underground¹ costumavam se reunir, mas não identifiquei atividades.

O último dia de visitação foi no Jaraguá, especificamente na Associação Comercial. Mesmo em uma quarta-feira, pude notar que a movimentação era considerável e que seria um ótimo local para gravar. Aproveitei para checar os enquadramentos e convidar a proprietária de um dos bares para conceder entrevista quando retornasse no dia seguinte com os equipamentos.

Em paralelo ao estudo das locações, foi providenciada a autorização do uso de imagem e pensada a logística junto com meu amigo que auxiliaria na captação. Compartilhei as constatações que fiz em minha ida nos dias anteriores e pensamos nas melhores formas de abordar os possíveis personagens. Também negocieei o empréstimo da moto com meu pai e do *Iphone* com a minha irmã.

Desde que a ideia do documentário ainda era embrionária, estabeleci uma regra para a produção. Nenhum dos entrevistados poderia ter qualquer vínculo comigo, queria que as entrevistas fossem autênticas e profissionais. Com exceção de Skarlet, que foi contatada por rede social, todos os personagens foram abordados na rua.

Antes das entrevistas, sempre era introduzido o tema, o objetivo do documentário e então solicitado que o entrevistado se apresentasse. A ideia era que os relatos fossem mais uma conversa, um diálogo mais fluido, do que uma entrevista propriamente dita. Conforme o depoimento, eram direcionadas algumas questões, visando manter o relato dentro da proposta. Seguem abaixo algumas das perguntas feitas aos personagens.

ROSÁLIA SANTOS

- Normalmente, quais são os seus horários de trabalho?
- Como é a madrugada depois que você larga?
- Como é a experiência de trabalhar nesse horário?
- Você já vivenciou alguma experiência de risco durante o trajeto?

¹ Cultura ou movimento underground é formada por um grupo de pessoas que foge dos padrões normais e conhecidos pela sociedade.

ANA LIMA

- Há quanto tempo você frequenta o Jaraguá? Como conheceu?
- O que você acha da escolha desse espaço?

THAIS PRADELLA

- O que você atribuiria esse sucesso?
- Qual o horário de funcionamento?
- Quem faz a contratação dos artistas?

PHIL MENESES

- O que você acha da escolha do Jaraguá?
- O que os ‘rolês’ na madrugada significam para você?

BRUNO BORGES (SKARLLET FÛCK’SIA)

- Quando começou a arte *drag* na sua vida?
- De onde surgiu o nome Skarlet?
- Quando o Bruno sai e dá lugar para a Skarlet, o que você sente?
- O que a noite representa pra você?

5.3 Captação

Todas as imagens foram registradas com *Iphone 11*. Apesar de ser um aparelho improvisado, pois a ideia seria gravar com uma câmera profissional, o resultado se mostrou satisfatório. Com base nas referências filmográficas, optei por trabalhar com imagens estáticas. O fato de um celular ser mais comum no cotidiano e não chamar tanta atenção, contribuiu para que os entrevistados ficassem mais à vontade, mas em tomadas externas, o uso do tripé ainda provocava olhares curiosos.

A narração do documentário e a captação de áudio dos entrevistados se deu através do microfone de lapela *Boya By-m1 omnidirecional*. Para a estabilização das imagens durante a gravação foi utilizado o tripé *Greika Wt 3710* e para iluminação o *Ring Light Selfie Makeup*, 6 polegadas, 16cm.

Durante o período de gravação, seguia em direção aos bairros da parte baixa por volta das 23 horas. As filmagens normalmente começavam a partir da meia-noite e o deslocamento se dava por meio de motocicleta. Na maioria das vezes, contei com a ajuda de um amigo, mas precisei captar algumas imagens de apoio sozinho. Foram tomadas arriscadas, especialmente na parte alta da cidade, onde o movimento nesse período do dia é quase nulo. A gravação foi desenvolvida com 5 mecanismos: *Iphone 11*, Tripé, *Ring Light*, Lapela, Carregador Portátil.

Imagem 2 - Equipamentos utilizados no documentário “Quando Maceió Dorme”



Fonte: Autor (2023).

Os equipamentos improvisados resultaram em problemas durante as filmagens. Por conta da memória cheia do *Iphone*, uma gravação precisou ser interrompida e tive que pedir ao entrevistado que recomeçasse. Não dispor de um estabilizador também fez com que algumas imagens precisassem ser descartadas. Ainda tive problemas com a *ring light* devido a um mal contato, o que também resultou no descarte de algumas tomadas.

Em algumas cenas, como a do viaduto que aparece no começo do documentário, o tripé não deixava o celular alto o suficiente e precisei segurar o aparelho manualmente. A captação de áudio também registrou uma série de ruídos, áudio estourado e novamente, algumas cenas foram descartadas por conta de problemas técnicos. No fim, conseguir driblar esses problemas e seguir com boa parte das gravações conforme planejado.

1º dia de filmagens - 05/01/2023

No primeiro dia de filmagens entrevistei Rosália, uma trabalhadora noturna que inicialmente pediu que o rosto fosse censurado, mas após conversarmos, ela concordou em assinar o termo de autorização de imagem. Tentei entrevista com outros trabalhadores, mas nenhum aceitou participar. Ela estava no posto de gasolina e optamos por gravar ali mesmo já que a iluminação era bastante favorável. A bartender foi se sentindo mais à vontade e nos ajudou a convencer suas colegas de trabalho a participarem de uma tomada.

No mesmo dia, como estava com transporte particular, fui até o bairro do Jaraguá e gravei com Ana. Ela conversava com um amigo e como estavam em pé e não aparentavam sinais de embriaguez, decidimos realizar o convite. Eles decidiram que Ana se sairia melhor e fomos até o topo da escadaria, onde já havíamos testado o enquadramento mais cedo. Mesmo a iluminação natural não sendo tão boa, a *ring light* resolveu o problema.

Imagem 3 - Gravações das cenas do documentário em 3 dias distintos.



Fonte: Israel Carvalho (2023).

2º dia de filmagens - 06/01/2023

Retornei ao Jaraguá para obter mais imagens de apoio e conversei com a dona de um dos bares em frente à escadaria da Associação Comercial. Observei novamente a movimentação para identificar possíveis entrevistados e convidei Phil para participar. O personagem não parecia ser da região e como estava com amigos e se mostrava descontraído, segui com o convite. Utilizei o mesmo enquadramento da noite anterior, pois destacava o entrevistado, ao mesmo tempo que permitia ao espectador visualizar todo o ambiente ao fundo.

Nesse dia, também registrei imagens de apoio durante o percurso de volta nos bairros de Ponta Verde, Farol e Tabuleiro. Além de captar as imagens que abrem o documentário. Assim como no primeiro dia, contei com o suporte de um amigo.

3º dia de filmagens - 07/01/2023

No terceiro dia de filmagens, acompanhei a rotina de preparação de Bruno para viver Skarllet. Conversei com ele, sua família e amigos. As gravações iniciaram por volta das 18h e seguiram até 04h. Fizemos tomadas em seu quarto e na rua de sua casa. O espaço no quarto era pequeno, o que impossibilitou explorar ângulos diferentes. O tripé não se mostrou adequado para as captações internas e externas.

De sua residência, seguimos para uma casa noturna no Jaraguá, onde o entrevistado é Dj e *performer*. Bruno conseguiu liberar nossa entrada gratuita e registramos momentos de descontração de Skarllet com seus amigos, além de aguardar e registrar sua performance. Sem a devida estabilização, com a casa cheia e uma câmera não apropriada, as tomadas nesse espaço também foram desafiadoras. Gravamos um depoimento de Skarllet no camarim, mas a captação do áudio também nos obrigou descartar o registro.

Imagem 4 - Skarllet e seus amigos durante as filmagens



Fonte: Autor (2023).

4º dia de filmagens - 09/01/2023

Em uma segunda-feira, por ser um dia menos movimentado já que as pessoas costumam aproveitar melhor o fim de semana, gravei novas imagens de apoio e consegui registrar o Jaraguá vazio. Nesse dia, fui sozinho e quase não consegui gravar por conta da segurança. Foram apenas alguns minutos de filmagem e tive que deixar o local ao perceber um indivíduo suspeito vindo em minha direção. Em locais mais movimentados, como o Farol, aproveitei pra regravar cenas com maior quantidade de pixels e com maior atenção no foco e brilho das imagens. Algumas delas foram acrescentadas na versão final.

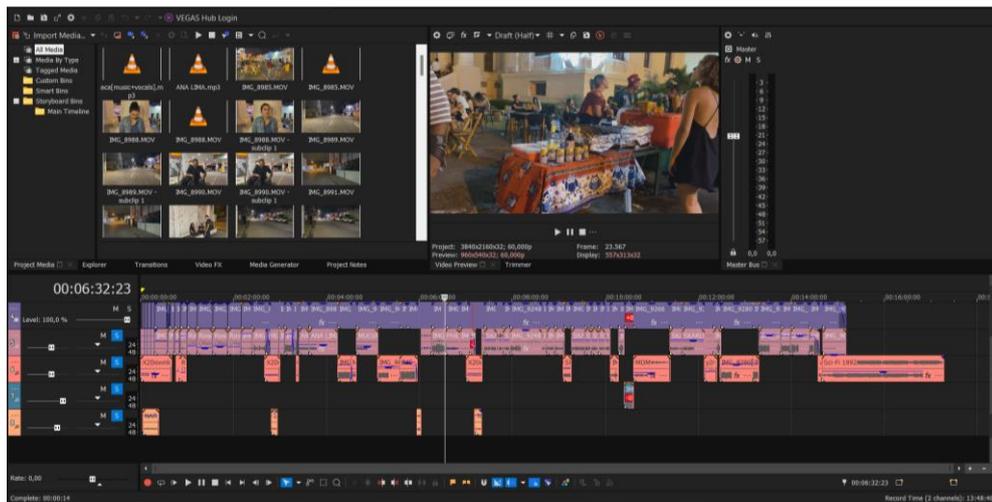
5º dia de filmagens - 13/01/2023

No último dia de filmagens, pedi a um outro amigo que gravasse imagens em movimento enquanto eu pilotava a moto. Gravamos no Centro, Farol e Tabuleiro. Infelizmente, como não contávamos com estabilizador profissional, ele não conseguiu registrar imagens estáveis. Foi descartada a maioria dos registros, mas utilizei uma das imagens gravadas no dia para encerrar o documentário. A ideia era passar a sensação de liberdade que a noite proporciona.

5.4 Pós-Produção

O processo de edição foi realizado no *ACER Notebook Aspire 5, 8GB, 256GB SDD, Windows 11* com o programa de edição *VEGAS Pro 19.0*. A edição se deu em uma semana intensa. Nessa etapa também foi gravada a narração, feito o nivelamento do áudio, testada a trilha sonora, escolhidas as fontes, vinculadas as entrevistas com os áudios e separadas as cenas.

Imagem 5 – Montagem do documentário



Fonte: Autor (2023).

Apesar de alguns descartes acontecerem logo após a gravação, somente com a edição, renderização e exibição das imagens em uma tela grande, é que foi possível verificar de fato a viabilidade do material registrado. Na montagem, identifiquei problemas na captação de áudio e tentei corrigir ao máximo, mas com a aplicação dos efeitos o som ficava abafado e não parecia natural. Para não destoar das outras gravações, realizei ajustes apenas no volume.

No entanto, foi preciso abrir mão de cenas de notável relevância por conta de problemas na captação. Um exemplo é esse trecho no depoimento de Phil Meneses: “*A madrugada é importante porque é a hora que a revolta realmente acontece. Eu sou do grafite em João Pessoa e é a hora que a gente sai pra grafitar*”. No momento da gravação, a música de fundo estava demasiadamente alta e só percebi o problema na ilha de edição.

Os dois últimos dias de filmagens só ocorreram após o início da edição. Mesmo sem ter concluído, notei que eram necessárias mais imagens de apoio para exibir durante a abertura, narração e encerramento. Realizei novos registros para complementar o material e então segui com a finalização. Também foi na ilha de edição que quase todas as gravações do dia 13/01 foram definidas como inutilizáveis por conta da instabilidade das imagens.

A sobreposição de imagens é utilizada apenas em momentos específicos. Em sua maioria, o documentário é composto por corte seco. Em contrapartida, o *fade in* e *fade off* são frequentemente utilizados na trilha sonora para uma maior suavidade nas transições. O protótipo foi inicialmente apresentado e considerando os apontamentos da orientação, foram realizados ajustes narrativos na versão final.

5.5 Sequências

SEQUÊNCIA 1 (00:00 a 00:37)

O curta abre com imagens externas mostrando um viaduto no Tabuleiro, a principal avenida da cidade no Farol e fecha com a orla de Ponta Verde, quando o título do documentário aparece. A voz ao fundo, faz um contraste com as ruas vazias, falando de sol, mar e turistas, termos que normalmente estão associados à capital. A sequência trabalha *fade in* e *fade out*.

SEQUÊNCIA 2 (00:37 a 02:47)

Nesta parte, entrevistamos Rosália Santos, representando os trabalhadores noturnos. A sequência abre com um *fade in* mostrando a rua em que a personagem espera o ônibus. Ela aparece caminhando por uma rua pouco movimentada em direção ao posto de gasolina, onde se dá a entrevista. Em seguida, ela aparece conversando com colegas de trabalho e depois no ponto de ônibus, quando o transporte coletivo chega.

SEQUÊNCIA 3 (02:47 a 07:04)

Esta sequência abre com imagens das ruas vazias no Jaraguá e a voz ao fundo introduz a segunda parte do documentário. Logo em seguida são exibidas imagens do Beco da Rapariga e os entornos da Associação Comercial. Temos as entrevistas de Ana Lima, frequentadora do local, que comenta a iniciativa dos bares. Thais Pradella, proprietária do Mucuri, que destaca reapropriação do Jaraguá. E Phil Meneses, que exalta a cultura noturna da região. Entre os depoimentos aparecem novas imagens dos entornos mostrando os músicos e grupos de pessoas confraternizando. O encerramento traz uma contraposição mostrando as ruas do Jaraguá novamente vazias.

SEQUÊNCIA 4 (07:04 a 10:05)

A divisão abre com imagens de ruas vazias no tabuleiro e a voz ao fundo introduz a terceira parte do documentário. Temos a entrevista com Bruno (Skarllet), falando sobre os sentimentos por trás da arte *drag*, inspirações e seu início como Dj e *performer* em casas noturnas. A gravação acontece em seu quarto e mostramos parte do processo da sua montagem e de amigos.

SEQUÊNCIA 5 (10:05 a 12:08)

Nessa tomada externa, Skarllet aparece maquiada, mas ainda sem a produção finalizada. Já é possível perceber a mudança na atitude do personagem, que encara a câmera, dança e convida o sobrinho para o vídeo. Ela também chama sua mãe para deixar um depoimento e conduz as perguntas. Mônica Borges fala sobre sua preocupação quando o filho sai, tendo em vista os perigos noturnos. Voltamos com Bruno falando sobre sua relação com a família e a liberdade que sente fora de casa.

SEQUÊNCIA 6 (12:08 a 14:36)

Em uma nova tomada externa, Skarllet aparece totalmente produzida e desfila na rua de sua casa com outras *drag queens*. Logo após, elas aparecem no interior de uma casa noturna. É mostrada a pista, onde Skarllet dança para a câmera e em seguida, alguns cortes de sua performance por diferentes ângulos.

SEQUÊNCIA 7 - FINAL (14:36 a 15:45)

Retornamos para Bruno em seu quarto. Questionado sobre o que a noite representa para ele, o mesmo responde: liberdade. Em uma imagem em movimento, a câmera segue em direção a um túnel, enquanto a trilha sonora com uma música animada aumenta gradativamente. Ao passar pelo túnel, é aplicado um *fade out* e os créditos são exibidos.

5.6 Cronograma de produção

ATIVIDADES							
	DEZ	JAN	FEV	MAR	ABRIL	MAIO	JUNHO
1 - Pesquisa bibliográfica	X	X				X	
2 – Filmagens		X					
3 - Edição do produto		X				X	
4 - Produção do relatório						X	
5 – Revisão do produto				X	X	X	
6 – Entrega de trabalho						X	
7 – Defesa do tcc							X

5.7 Ficha técnica

Gênero: Documentário

Tempo: 16:00:00

Idioma: Português

Ano de lançamento: 2023

Direção, captação e roteiro: Dayvson Oliveira

Orientação: Raquel do Monte

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O formato documentário se destaca pela sua profundidade. A abordagem desse tema em uma matéria ou reportagem não teriam essa sensibilidade permitida pelo filme. O alto fluxo de conteúdo nos meios em que esses produtos são disponibilizados e ambientes nos quais são consumidos, demandam uma exploração rasa, que muitas vezes não consegue compartilhar a visão do autor por completo e não permite conhecer os personagens por inteiro.

Meu documentário fala sobre a noite e por mais que as atividades noturnas venham ganhando força, quando se trata de madrugada, imaginamos calma e ociosidade. Graças ao formato, consegui passar essa sensação ao gravar pontos em que a cidade aparentava estar vazia. Também tive a liberdade de acompanhar a rotina de um dos personagens por aproximadamente 10 horas, o que seria inviabilizado no caso de outros produtos.

O projeto me permitiu se conectar com outras pessoas noturnas, contribuir para o audiovisual da região, chamar atenção para as iniciativas de viabilização dos hábitos noturnos da comunidade, incentivar a valorização do Jaraguá e despertar o interesse do espectador pela cidade, em especial pela noite maceioense. Além de, é claro, poder executar os conhecimentos adquiridos ao longo da jornada acadêmica.

Apesar de ter mais facilidade de trabalhar em equipe, a produção individual do documentário foi fundamental para desafiar minhas limitações e me ajudar a crescer enquanto diretor, jornalista e em todo o aspecto profissional. Com a execução do projeto, meu apreço pelo gênero segue mais forte do que nunca. Sem dúvidas, me sinto mais preparado para o mercado de trabalho e pronto para desenvolver novos projetos.

7. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CRUZ, Layara Alves; TENORIO, Gabriela de Souza. A cidade à noite: uso e apropriação de espaços públicos no período noturno. In: SEMINARIO INTERNACIONAL DE INVESTIGACIÓN EN URBANISMO, 12., 2020, São Paulo-Lisboa. **Anais** [...]. São Paulo: Faculdade de Arquitetura da Universidade de Lisboa, 2020. DOI: 10.5821/siiu.9831. Disponível em: <<http://hdl.handle.net/2117/336454>>. Acesso em: 24 maio. 2023.

¹JONES, S.E., LANE, J.M., WOOD, A.R. et al. **Genome-wide association analyses of chronotype in 697,828 individuals provides insights into circadian rhythms**. Nat Commun 10, 343 (2019). Disponível em <<https://doi.org/10.1038/s41467-018-08259-7>>. Acesso em: 24 maio. 2023.

LUCENA, Luiz Carlos. **Como Fazer Documentário: Conceito, linguagem e prática de produção**. São Paulo, Summus Editorial, 2012.

NICHOLS, Bill. **Introdução ao Documentário**. Campinas, Papyrus Editora, 2005.

RAMOS, Fernão Pessoa. A **‘mise-en-scène’ do documentário**. In: Revista Cine Documental, n.4, Venezuela, 2011. ISSN: 1852-4699. Disponível em <<http://revista.cinedocumental.com.ar/4/teoria.html>>. Acesso em: 24 maio. 2023.

SALLES, João Moreira. “A dificuldade do documentário”, in: Martins, José Souza; Eckert, Cornelia; Caiuby Novaes, Sylvia (orgs.). **O imaginário e o poético nas ciências sociais**. Bauru: Edusc, 2005, pp.57-71. Capítulo 3.

8. REFERÊNCIAS FILMOGRÁFICAS

O SAL DE NOSSAS LÁGRIMAS. Direção: Chico Buarque, 2021, Brasil.

RAINHAS DA NOITE. Direção: Bruno Almeida, 2013, Brasil.

ENTRE A RUA E O PALCO. Direção: Dayvson de Oliveira, José Esmerino, Maykson Douglas e Thalís Firmino, 2018, Brasil.

DIREÇÃO E ROTEIRO: DAYVSON OLIVEIRA

ORIENTAÇÃO: RAQUEL DO MONTE

UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS

CURSO DE JORNALISMO